

FACONNECT – FACULDADE CONECTADA
PÓS-GRADUAÇÃO
A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS

FLÁVIA DE MORAES VICENTI

CONTAR HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
um olhar para as intenções pedagógicas

SÃO PAULO
2021

FLÁVIA DE MORAES VICENTI

**CONTAR HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
um olhar para as intenções pedagógicas**

Monografia apresentada à FCONNECT,
como requisito parcial para a obtenção do
título de Pós-graduação “A Arte de contar
histórias”

Orientador(a): Leticia Liesenfeld

**SÃO PAULO
2021**

FLÁVIA DE MORAES VICENTI

**CONTAR HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
um olhar para as intenções pedagógicas**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Colegiado do Curso de
Pós-graduação “A Arte de contar histórias
da FACONNECT, como requisito parcial
para a obtenção do título de Especialista
na Arte de Contar Histórias.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Orientadora Professora Letícia Liesenfeld

Assinatura_____

Professor Giuliano Tierno

Assinatura_____

Julienne Codognotto (leitora convidada)

Thaís Blasio Martins (leitora convidada)

Dedicatória

Aos professores, familiares e amigos por seu carinho e apoio durante a realização deste trabalho, em especial à amiga e Mestre em Educação Thaís Blasio Martins e Juliene Codognotto minha eterna gratidão.

RESUMO

A escrita deste trabalho se inicia com um breve relato da experiência, por meio da construção desse percurso, surgem inquietações e questionamentos. A partir disso, suscitam não reflexões conclusivas necessariamente, mas reflexões importantes e potentes para construir o fazer da arte narrativa na escola enquanto possibilidade de aprendizagem não de forma rígida, mas considerando o poder de transformação essencial à qualidade imaginativa e o comprometimento com as intenções pedagógicas ao contar histórias na educação infantil.

Palavras-chave: arte narrativa; aprendizagem; educação infantil; intenções pedagógicas.

ABSTRACT

The writing of this work begins with a brief account of the experience, through the construction of this path, concerns and questions arise. Based on this, they do not necessarily lead to conclusive reflections, but important and potent reflections to build the making of narrative art at school as possibility of learning not in a rigid way but considering the power of transformation essential to imaginative quality and commitment to pedagogical intentions when telling stories in early childhood education.

Keywords: Narrative art; learning; early childhood education; pedagogical intentions.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| RESUMO..... | 6 |
| ABSTRACT..... | 7 |
| 1 INTRODUÇÃO..... | 10 |
| 2 A narração de histórias na Educação Infantil e a intencionalidade pedagógica..... | 13 |
| 2.1 Brincar de contar histórias..... | 23 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 26 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 28 |

1. INTRODUÇÃO

A narração de histórias é uma atividade muito presente no cotidiano da Escola de Educação infantil. Contar histórias na escola pode ser uma oportunidade de resgate e valorização cultural, uma forma de preservar e construir sua própria história, reconhecer o importante papel da memória socialmente e individualmente. Contar e ler histórias na escola contribui também para a resistência à imposição de modelos prontos por meio do reconhecimento da diversidade na sociedade como um todo.

Nos últimos anos a narração de histórias ganhou mais visibilidade no contexto urbano, e considerando isso, a escola é parte deste contexto, sendo um espaço para ouvir histórias, estimular a curiosidade natural das crianças e a conexão com esta experiência.

Para traçar os caminhos desta proposta de refletir sobre a narração de histórias na Escola de Educação infantil, realizo uma breve genealogia do meu percurso enquanto contadora de histórias e professora de Educação infantil, percurso que suscitou muitas reflexões, inclusive esta pesquisa.

Iniciei meu contato com a narração de histórias em 2009, quando ao trabalhar num Centro de Educação Infantil da prefeitura de São Paulo como Auxiliar Técnico de Educação, participava de atividades coletivas junto aos professores, e por vezes lia para as crianças. Nesta época, já havia ingressado no curso de pedagogia e muito interessada na narração de histórias por já desfrutar desses momentos de contar histórias na escola, participei do curso de Contação de Histórias da Biblioteca Municipal Hans Christian Andersen.

O curso ampliou os horizontes da minha ideia até então sobre contação de histórias, pois além dos conteúdos e as trocas de experiências, as narrativas de cada participante do curso traziam as mais diversas realidades e experiências, alguns já atuavam como contadores de histórias nos mais diversos contextos, outras pessoas eram das mais diversas profissões e havia dentre os participantes do curso alguns professores.

No ano seguinte, passei a trabalhar em um Centro de Educação Unificado (CEU, e lá fui designada para trabalhar no Núcleo de Ação Cultural, em que dentre as

atribuições estava o acompanhamento dos eventos do teatro e da biblioteca que ficam dentro do equipamento CEU. Passei então a narrar histórias nos espaços da biblioteca e do teatro para os alunos das Escolas, tanto escolas que faziam parte do CEU, quanto escolas visitantes. Sendo assim, eram alunos da Educação Infantil e Ensino Fundamental I. Neste período, minha experiência pautava-se na arte de contar histórias, planejava a escolha dos contos e construía uma sinopse para os professores que levavam suas turmas para participar. Meu foco era muito mais performático e voltado para o fomento da cultura e arte e não da educação formal.

Assim, o caminho como narradora de histórias foi sendo permeado por diversas experiências que atravessam o narrador inclusive no tocante à escuta do narrador ao se deparar com o público que irá compartilhar do momento da história. Digo isso, pois das experiências mais diversas, por exemplo, é possível que se chegue numa praça para contar histórias em determinados eventos e se deparar com o desafio de propor a escuta de uma história numa metrópole onde a pressa impera, ou receber dezenas de crianças de uma escola que visitam o teatro, como ocorre no CEU, e ser desafiado como narrador a propor a escuta para essas crianças que estão empolgadas com as novidades do espaço. E nesse movimento a narração acontece com o poder que as histórias têm de despertar imaginário através da palavra. Construiu-se, portanto, por meio das experiências e interações, inclusive com outros contadores também, cada vez mais curiosidade acerca do movimento que é contar histórias.

Em 2011, iniciei minha carreira docente como Professora de Educação Infantil, e assim, contar histórias na biblioteca, no teatro, espaços de leitura, na praça, e nas mais diversas situações, já não era mais a realidade, agora iria contar histórias na sala de aula.

A partir deste momento alguns questionamentos e inquietações se fizeram presentes, pois considerando meu percurso, havia um distanciamento na prática entre contar histórias na escola e contar histórias em espaços voltados essencialmente a atividades culturais. Além disso, o curso de Pedagogia, bem como documentos institucionais da Rede Municipal da Prefeitura de São Paulo

discorre sobre a importância da leitura e da narração oral em sala de aula como recursos pedagógicos importantes na Educação Infantil, mas pouco tratam sobre a potência enquanto experiência única para cada criança, o que se trata de ir muito além de suas contribuições pedagógicas.

Ao longo dos anos, a percepção de que a prática de contar histórias na escola de educação infantil muitas vezes estava atrelada a um objetivo pedagógico, trouxe uma lacuna de questionamentos sobre os conceitos de educação e cultura e seus contrapontos que por vezes parecem destoar embora se relacionem. A educação formal que normatiza e a cultura que por meio das linguagens artísticas provoca, estimula a criatividade, o pensamento e a criticidade sobre si e o mundo.

No entanto, o próprio ato de contar histórias na escola pode ser o contraponto sinalizando que a normatização tem sua importância e a arte também, ao contribuir com uma educação mais emancipadora, criativa, voltada ao respeito das individualidades e diversidades.

O desejo de refletir como é contar histórias quando na escola e a intencionalidade pedagógica que acompanha essa prática, vem dessa necessidade de olhar para a arte narrativa e sua potência educativa. E tal desejo, um desejo que se assemelha à sede, sede de investigar, expandir, trocar experiências, refletir sobre a contação de histórias na atualidade construiu o caminho até o curso de Pós-graduação sobre “A Arte de contar histórias na Contemporaneidade” no intuito de construir um caminho que trouxesse luz às inquietações citadas anteriormente.

Organização e proposição pelo educador de experiências que permitam às crianças conhecer a si e ao outro e conhecer e compreender as relações com a natureza, com a cultura e com a produção científica que se traduzem nos cuidados pessoais, nas brincadeiras, nas experimentações com materiais variados, na aproximação com a literatura e no encontro com as pessoas é a definição de intencionalidade de acordo com a BNCC (Base Nacional Comum Curricular). O Currículo da Cidade de São Paulo, que tem suas diretrizes em acordo com a BNCC, também prevê a Escola enquanto lugar para aprender a conviver na esfera pública, reunir-se com outras crianças e adultos, participar de

distintos universos materiais e simbólicos, compartilhar diversidades e constituir perspectivas comuns a partir de pontos de vista particulares.

Sendo assim, essa pesquisa, que parte de experiências e do olhar para intencionalidade pedagógica na escola pública da Prefeitura de São Paulo, traz a perspectiva de intencionalidade a partir destes documentos.

Ao pensar nos momentos de narração de histórias na escola de educação infantil, percebe-se que há implicações quanto à tempos e espaços, as demandas são diversas entre o cuidar e o educar, as crianças tem peculiaridades próprias da primeira infância em se tratando deste “corpo que fala”, já que muitas vezes durante a narração há crianças que irão se movimentar o tempo todo e isso não quer dizer que não estejam atentas e sim que é da sua natureza. Essas questões são importantes de se considerar ao pensarmos na narração de histórias na educação infantil.

Portanto, este artigo tem por objetivo refletir sobre a intencionalidade da narração de histórias na Escola de Educação Infantil e quais os caminhos o professor de educação infantil percorre para narrar histórias na escola considerando os desafios de viver e propor esta experiência.

2. A narração de histórias na Educação Infantil e a intencionalidade pedagógica

Retomando a perspectiva da relação narrador e ouvinte, o professor de educação infantil, em meio às demandas do cotidiano, ao preparar uma história para narrar para sua turma estabelece uma relação professor/narrador e ouvintes, e entre atividades, interações entre as crianças, interesses individuais das crianças, eis que neste espaço do “entre” a narração é um convite para adentrar no portal da imaginação, no tempo do “era uma vez”.

Certa vez, em uma EMEI (Escola Municipal de Educação Infantil) de São Paulo, ao contar histórias para uma turma composta por trinta crianças aproximadamente, tudo transcorria como planejado, com a alegria e o encantamento desejados. Ao final da história, quando a turma se organizava para outra atividade, André (5 anos), uma criança com síndrome de Down, estava muito

empolgado com uma caneta na mão escrevendo. Mas ao chegar perto percebe-se que se tratava do diário de classe da turma, documento oficial de registros que estava disposto na mesa. Com seu olhar dócil André mostra seu feito com orgulho, e o coração da professora pulsa no desespero pelos registros oficiais rasurados, a generosidade entra em cena para ajudar a perceber o quanto foi construído, quando uma criança está tão inserida no mundo letrado e se sente tão acolhida naquele espaço, que com sentimento de pertencimento decide registrar no diário de classe.

Numa outra ocasião em que o grupo docente concordou em organizar um momento de histórias com várias turmas de crianças, foi possível perceber certa tensão por parte dos docentes, a dúvida se com muitas crianças juntas seria possível um momento de “concentração” para ouvir histórias. Preparei duas histórias de forma que todos pudessem interagir, inclusive os adultos, que geralmente ficam numa posição mais de observadores para conter os “ânimos” das crianças do que participando.

Durante essa experiência, “tio Geraldo”, como era chamado pelas crianças o auxiliar técnico de educação, fez parte da história como uma personagem, e subindo em seu “cavalo” a galopes se encantou e encantou as crianças, afinal as crianças são as que mais sabem e nos ensinam o quanto é sério brincar. Neste mesmo dia outras crianças e outros adultos participaram como personagens da narrativa, a tensão das professoras sobre a quantidade de crianças se dissipou parcialmente. Lucas, uma criança com espectro autista, participou até o fim da história ativamente. Enquanto tudo isso acontecia, a “Dona Severina” que cuida da limpeza e conservação da escola se delicia com a história, sorri e canta junto nos momentos cantados da narrativa, já a criança Clarice, se movimenta o tempo todo e pega um dos instrumentos dispostos que faziam parte da narração e começa a tocá-lo sem parar. Simultaneamente aos acontecimentos descritos, a Auxiliar de Vida Escolar (que zela pelos cuidados físicos e bem-estar das crianças com deficiência), percebe que uma criança cadeirante necessita de cuidados e a retira para tratar disso, e outra criança afirma à professora de outra turma que necessita ir ao banheiro.

Revisitar algumas cenas cotidianas como estas, ilustram inquietações que atravessam professores contadores de histórias, ou aqueles que desejam contar histórias e se questionam em como “prender” a atenção das crianças durante a narrativa. No entanto, refletir sobre intencionalidade pedagógica ao narrar histórias na escola pretende justamente que possamos “libertar” o ato de narrar histórias do engessamento de objetivos prontos. Pois, agir com intenção é agir com consciência, o que significa ir além e ultrapassar um modo pronto e pré-estabelecido. Significa ampliar os horizontes, possibilita perceber, por exemplo, que a criança que ensaia a escrita no diário de classe da professora tem muito a dizer sobre o quanto entende da importância da escrita, que é possível promover o encontro entre adultos e crianças na escola de forma interativa, significa também o impulso da criança que toca o instrumento fora do previsto também traduzem envolvimento e encantamento, e estes por si só são intenções e objetivos alcançados.

Sendo assim, são inúmeras cenas acontecendo enquanto a narração acontece na escola, por vezes aceitar essa impermanência acaba por ser mais um desafio.

Então, o mesmo professor que está com a turma todos os dias, ou talvez que naquele mesmo dia está com a turma de crianças pequenas há horas, tem o desafio de propor esse convite à imaginação de forma atrativa. Diante de muitos acontecimentos na sala de aula e todas as suas demandas, estabelece a relação de narrador e ouvinte permeado por questões específicas da escola. Neste sentido, o contador de histórias em espaços culturais ou mesmo como convidado pela, também é atravessado por desafios dos imprevistos e interações durante a narração.

Assim, podemos considerar que dentre diferenças e semelhanças diante do contexto em que se conta histórias, neste processo, há diversas escolhas envolvidas. Dentre as escolhas como o texto de literatura de contos recolhidos da tradição oral ou literatura infanto juvenil, o espaço, a escolha de ler ou contar oralmente, e entre estas e outras escolhas as intenções ao contar histórias na escola.

Certamente, não se trata de colocar o professor contador de histórias num lugar de contadores de histórias tradicionais advindos de nossa ancestralidade, nem tampouco se pretende ousar comparações desse gênero, mas para algumas crianças muitas vezes a escola é a única fonte para ouvir histórias no tempo do hoje.

Numa perspectiva de que uma narração de histórias num espaço de cultura os participantes têm por objetivo estar ali com o propósito de ouvir histórias e dispostos a vivenciar essa experiência, o espaço já preparado costuma conter elementos cênicos ou ainda que não os tenha costuma ter dispostos acomodações para os participantes. O contador de histórias faz o convite ao portal para o imaginar e viajar na narrativa já com uma camada de disponibilidade do público, o que talvez torne o convite não propriamente mais fácil, mas talvez mais acessível. Enquanto, em sala de aula os acontecimentos simultâneos de atividades, brinquedos e brincadeiras, a interação entre as crianças e das crianças com os adultos, além do espaço já conhecido e com pertencimento por parte das crianças, já que é seu espaço de brincar e conviver são algumas questões a serem observadas. Como propor esse convite de forma a atravessar os ouvintes, no caso as crianças, a embarcarem nesta experiência, e como construir essa atmosfera do encantamento se torna um desafio neste caso.

Considerando a criança e sua natureza tão voltada ao movimento, pensar nessa atmosfera de encantamento exige um olhar além de pedagógico, muito generoso também, o que independe até mesmo de ser um contador de histórias convidado para um evento na escola ou o professor da turma de crianças. Assim como o professor muitas vezes se depara com a frustração de preparar uma aula que julga estar muito interessante e nem sempre colhe os frutos que acreditou que colheria, narrar histórias é parte de mais sementes que serão plantadas e nem sempre é possível prever exatamente quais frutos nascerão.

As escolhas feitas ao narrar histórias sinalizam o quão importante se faz o professor perceber-se enquanto sujeito que, embora atue numa instituição onde há muitos limites, suas escolhas refletem diretamente na produção e criação das histórias do presente, como ser histórico que é. E na ação do educador que

propõe a arte narrativa enquanto possibilidade de aprendizagem é que se produz também as histórias que serão contadas no futuro.

Seria possível dizer, portanto, que o professor é um contador de histórias contemporâneo, que mantém a arte narrativa no espaço urbano, no entanto, tal fato envolve a necessidade de um comprometimento com essa arte milenar e com a literatura traz à tona valores humanos essenciais, comprometimento este que também é um ato político, assim como educar.

Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar vinte e quatro horas sem mergulhar no universo fabulado. O sonho assegura durante a sono a presença indispensável deste universo, independentemente da nossa vontade. E durante a vigília a criação ficcional ou poética, que é a mola da literatura em todos os seus níveis e modalidades, está presente em cada um de nós...a literatura concebida no sentido mais amplo a que me referi parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito. (Cândido 2011)

Para Freire (1996), há saberes demandados pela prática educativa em si mesma, qualquer que seja a opção política do educador ou educadora, a reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência na relação teoria e prática. Dessa forma, o professor na escola e o narrador em espaços culturais, ambos, cada um ocupando as especificidades de seu ofício, se aproximam dos ouvintes como um formador por meio da cultura e educação. E nesse processo carregam consigo a necessidade do comprometimento ético e estético implícitos em suas narrações de histórias. Se a narração de histórias como arte milenar carrega consigo construção de conhecimento, cultura e experiências, o contador de histórias contemporâneo, no reconhecimento da ancestralidade e de seu tempo, assumindo o compromisso como seres sociais e comunicadores, ao mesmo tempo que narram histórias e propõe a experiência de viver no tempo do “era”, também são produtores de história, da história que acontece no “agora” que se dá a partir da experiência sua e do outro, ciente de que é um agente de transformação.

Quanto a intencionalidade ao narrar histórias na escola, podemos colocar como um dos pontos de partida para reflexão o direito ao reconhecimento do que é indispensável para nós e para o próximo, o direito ao encantamento por meio das histórias que permite a experiência do pensamento e das imagens poéticas no contato com as linguagens artísticas, no caso, a arte de narrar histórias e a literatura.

Para tanto, as considerações em torno da intencionalidade pedagógica podem auxiliar a traçar caminhos, e esse caminho se constrói a partir do planejamento.

Sabemos que o planejamento é parte fundamental no processo do educador colocar suas intenções pedagógicas, refletir e programar suas ações. Ao planejar inserir histórias nas aulas, sejam narradas ou lidas, objetivos de aprendizagens legítimos podem ser sufocados caso não considerem a experiência de sentir, experimentar, lidar com os sentimentos, conhecer e reconhecer o encantamento enquanto possibilidades de desenvolvimento do ser integralmente.

Aprender é um processo individual, Piaget (1990), define a aprendizagem como um processo de construção individual, por meio do qual se faz uma interpretação pessoal da realidade, afirma ainda que a aprendizagem vai além da associação de estímulos e respostas, ou da soma de conhecimentos, se refere a mudanças qualitativas nas estruturas e esquemas de complexidade crescente.

Da mesma forma ao ouvir uma história cada indivíduo tem uma experiência única e particular. Uma pessoa pode ouvir e na perspectiva da personagem vivenciar as aventuras dela, outra pessoa pode observar a história como alguém que vê de fora o desenrolar da trama ou ainda despertar emoções.

Enfim, a conversa que o conto estabelece com cada um une a forma objetiva – que é a própria narrativa - e os efeitos subjetivos que ressoam de forma particular em cada um.

Justamente por se tratar de uma experiência individual, atrelar o ato contar histórias a objetivos pedagógicos implica uma linha tênue entre o que se ensina, o que se aprende e os objetivos que permeiam este processo.

Portanto, refletir sobre a experiência de ouvir histórias enquanto experiência única e individual numa perspectiva pedagógica consiste no desafio entre planejar o que será trabalhado através do conto e a experiência individual.

Do ponto de vista pedagógico, no trabalho com as crianças, acredito que o importante não é querer saber qual o efeito que os contos tradicionais exercem sobre cada criança, ou mesmo “querer produzir um tal efeito”, mas sim entender que para cada uma delas aquela história traz oportunidade de organizar suas imagens internas de uma forma que faça sentido para ela naquele momento. Machado (2015, p.48)

Sendo assim, independente de objetivos e intenções pedagógicas, ao contar histórias na escola é importante ter a clareza de que o importante é que essa atividade faça sentido. E, fazer sentido neste caso se trata de ir além, de sentir, de presença, presença do professor e das crianças imbuídos pelo encantamento das histórias, o que consiste em si uma experiência legítima que oportuniza construção de aprendizagens.

Neste contexto, o professor como um contador de histórias contemporâneo é desafiado a reconhecer a contação de histórias como potente caminho para construção de conhecimento e aprendizagem, mas também como arte que provoca, aguça e contribui na desconstrução de imagens prontas através do despertar para imagens internas.

Principalmente ao considerarmos a criança hoje, exposta a muitas imagens prontas, tecnologia e informação, as narrativas vem a contribuir com o rompimento de estereótipos ao ampliar o repertório de imagens e significações, trabalhando com a ampliação da qualidade imaginativa.

Quando pensamos a arte narrativa no espaço escolar, considera-se a aprendizagem, no entanto estamos tratando de uma estratégia milenar no processo de aprender e de valores humanos intrinsecamente ligados à narrativa. Considerando o processo de aprender e ouvir histórias como experiência individual, unir arte e educação na escola pode nos ajudar a ampliar nossas intenções pedagógicas e objetivos numa perspectiva mais ampla e humanizada.

Assim, as formas que se propõe que esta experiência seja vivida necessitam do compromisso no reconhecimento das camadas que perpassam as escolhas feitas pelo professor, bem como o estar “inteiro”, a presença do professor que contribuirá para que as crianças estejam presentes e “inteiras” também. Neste contexto, a presença também é um objetivo, uma intenção pedagógica importante para que se alcance a construção de imagens e integração de saberes.

Caso contrário, é arriscado tornar a narração de histórias uma mera ferramenta pedagógica, o que por si só já descaracterizaria qualquer intenção pedagógica visto que estamos falando de uma linguagem artística e a relação individual que se estabelece com ela, a arte é o convite para sentir.

Neste sentido, podemos afirmar que a escuta do professor narrador de histórias permeia desde o planejamento até o momento da narração propriamente dito, pois há a escuta da ancestralidade no próprio ato de narrar, a escuta de suas intenções e escolhas, a escuta de seu tempo no “agora”, a escuta pedagógica que propõe uma possibilidade de aprendizagem, até chegar à escuta das crianças para quem vai contar as histórias com as peculiaridades próprias de sua faixa etária, os interesses e todo o contexto que está ao entorno dele numa sala de aula.

Para Machado (2015) quem precisa primeiro aprender a escutar é o educador, deixando de lado a rigidez de objetivos pedagógicos atrelados a apresentação de um conto às crianças, ler e contar bem significa estar inteiro nessa ação deixando o fluxo da narrativa acontecer sem querer ensinar.

Ao trazer essas questões à tona, podemos partir para uma reflexão sobre quais recursos esse professor irá recorrer para narrar histórias para seus alunos de forma a colocar em prática a arte narrativa como proposta pedagógica, porém, sem tornar essa atividade instrumentação para aprendizagem, já que reconhece uma forma potente para aprender, mas também reconhece a natureza artística e estética que envolvem esse processo.

Dessa forma, podemos afirmar que narrar histórias assim como outras possibilidades de propostas pedagógicas e experiências, se torna efetivamente uma possibilidade de aprendizagem a partir do fazer que para além de seu fazer educativo, também reconhece a narração como uma linguagem artística.

Como aqui delimitamos a questão à educação infantil, e mais precisamente na Rede da Prefeitura Municipal de São Paulo, visto que este trabalho nasce de experiências nesta instituição, visitar os documentos institucionais é um caminho para pensar como esta instituição têm refletido sobre a narração de histórias na escola no sentido de propostas pedagógicas acerca do assunto e do fazer pedagógico do professor.

Em linhas gerais os documentos institucionais da Prefeitura de São Paulo, no caso me refiro a dois deles específicos da Educação infantil que são: Currículo da Cidade – Educação Infantil (2019) e Padrões Básicos de Qualidade na Educação Infantil Paulistana (2015), são norteadores do trabalho pedagógico em consonância com a BNCC - Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017), e são referência para o Projeto Político Pedagógico elaborado pela Escola. Em relação à narração de histórias e leitura, tais documentos abordam sua relevância enquanto experiências que contribuem para o processo de aprendizagem. No entanto, não há detalhes específicos que possam contribuir propriamente para a prática dessas atividades em sala de aula.

A formação do professor que atua na Educação Infantil, de acordo com a Lei nº 9.394 – LDB dispõe em seu artigo 62:

Art. 62. A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para exercício do magistério na educação infantil e nos 5 (cinco) primeiros anos do ensino fundamental, a oferecida em nível médio na modalidade normal (Brasil, 1996)

Do mesmo modo, no artigo 64:

A formação dos profissionais de educação para a administração, planejamento, inspeção, supervisão e orientação educacional para a Educação Básica, será feita em curso de graduação em Pedagogia ou nível de pós-graduação, a critério da instituição de ensino garantida, nesta formação, a base comum nacional. (Brasil, 1996)

De acordo com a formação exigida do professor-pedagogo, ou professor polivalente, é considerado assim por ser o sujeito capaz de apropriar-se do conhecimento básico das diferentes áreas do conhecimento. No entanto, durante o curso de Pedagogia, percebi certa superficialidade ao que se refere a narração de histórias na escola, o que impulsionou a busca por formação específica além da graduação. A formação continuada em serviço é prevista pela Prefeitura de São Paulo como forma de possibilitar ampliação de conhecimentos e atender as necessidades dos profissionais, em relação especificamente à arte narrativa há cursos, mas não necessariamente uma proposta que todos os professores de educação infantil o façam. Portanto, partindo do pressuposto da formação, houve a necessidade de trilhar os próprios caminhos enquanto professor-narrador, na busca de sentido em educar e narrar histórias. Sendo assim, a reflexão acerca desses aspectos se torna relevante ao passo que apresenta hipóteses e desafios em torno da experiência que é vivida pelo professor-narrador e pelas crianças no momento da narração.

Segundo Heidegger (1987) citado por Larrosa (2020), fazer uma experiência significa que algo nos acontece, nos alcança; que se apodera de nós, que nos derruba e nos transforma. E, quando falamos de “fazer uma experiência, isto não significa exatamente que nós a façamos acontecer, “fazer” significa aqui: sofrer, padecer, agarrar o que nos alcança receptivamente, aceitar, na medida em que nos submetemos a isso.

Esse desafio de trilhar os caminhos como contador de histórias na escola de educação infantil perpassa a construção de si enquanto contador de histórias, bem como o cuidado com as expectativas em relação ao que a criança poderá aprender, pois corre-se o risco de perder o potencial pedagógico justamente devido as expectativas.

O professor pode ser considerado um contador de histórias contemporâneo, mas as reflexões sobre sua intencionalidade ao narrar histórias na escola estão profundamente ligadas, sendo indissociáveis. Pensar o que o difere do contador de histórias de outros espaços aponta para questões específicas que o espaço escolar apresenta.

O processo de contar histórias enquanto possibilidade de aprendizagem não é linear, e a riqueza está justamente nesse movimento.

A criança ao ouvir uma história que professor conta pode trazer à tona muitas possibilidades através de suas impressões, sentimentos e emoções suscitadas pela narrativa. Explorar o que a criança constrói a partir da experiência com as histórias é muito mais coerente por considerar seu protagonismo e individualidade no processo de aprender.

2.1 Brincar de contar histórias

A criança se comunica, se expressa e experimenta o mundo por meio da brincadeira, talvez esse seja um bom ponto de partida para refletir e agir ao propor a narração de histórias na escola. Uma criança com o lápis na mão rapidamente pode transformá-lo em um avião, um carro, um pião, é pouco provável que um professor de educação infantil nunca tenha se deparado com uma cena parecida com essa, então, para contar histórias em sala de aula a melhor fonte de inspiração lúdica são as próprias crianças.

Se estamos olhando para a narração de histórias numa perspectiva de linguagem artística que adentra a escola para contribuir com no processo educativo, poderíamos nos questionar se o educador teria de ser um artista para narrar histórias.

Para Machado (2004), ninguém pode ensinar alguém a ser um bom contador de histórias, mas ao mesmo tempo qualquer um pode contar bem uma história. Neste sentido, o que o educador pode realizar como primeiro passo seria se preparar para contar histórias, e reconhecer o potencial lúdico que as crianças têm naturalmente pode ser um bom ponto de partida como repertório imaginativo e brincante.

Seja literatura infantil ou contos de tradição oral, o potencial lúdico das histórias que permite a abertura dos portais da imaginação é sempre ponto de partida, quando o professor contador compartilha histórias é muito importante que

reconheça e se reconheça nessa experiência quanto ao poder ancestral e afetivo que há nisso.

Ao discorrer sobre a literatura infantil, Cisto (2005) cita que temos todos muitas infâncias e precisamos preencher o espaço poético dessa lacuna que nos separa – adultos – da infância, reaprendendo a olhar, porque com o tempo vamos perdendo a nitidez dos detalhes, nossas leituras de infância vão ficando como filme velado e até esquecemos de como é ser menino. Sendo assim, um convite para um olhar afetivo para a memória e a partir dela a percepção da importância da palavra são parte do caminho do professor eu conta histórias para crianças. Outro ponto importante, é perceber seu papel como um contador de histórias contemporâneo na responsabilidade de continuidade da arte narrativa e na valorização da infância.

Ainda com relação à reflexão do comprometimento com a intencionalidade pedagógica enquanto ato político, podemos lançar o olhar através da perspectiva de que a literatura é um direito humano, pois, seja literatura de contos de tradição oral recolhidos ou literatura infanto juvenil, a escolha feita pelo professor-narrador, e o reconhecimento disso como manifestação humana universal é indiscutível. Em se tratando da criança pequena, no caso da Educação infantil, reconhecendo seu direito de brincar e aprender de forma lúdica, os contos e a literatura se inserem nesse contexto também como formas de brincar, seja através da narração de histórias, da leitura, de canções populares, brincadeiras cantadas, parlendas, etc. Para a criança o livro é um brinquedo, e o professor o mediador entre a literatura e/ou conto, neste sentido narrar ou ler histórias para as crianças na escola, também perpassa a prática docente crítica citada por Freire (1996), em que há o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer.

Assim, podemos considerar também a perspectiva de que narrar histórias e ler para as crianças na escola de Educação Infantil também se configura como um ato político que projeta em suas ações o direito de brincar e o direito à literatura.

Quando se trata de crianças pequenas, a brincadeira, a leitura e a narração de histórias se relacionam por sua característica lúdica, pela espontaneidade e pela presença, todas características intrínsecas a essas atividades.

A brincadeira tem um fim em si mesma, não se brinca com objetivo de aprender nada, no entanto, um olhar pedagógico para a brincadeira percebe inúmeras possibilidades de aprendizagem ao brincar. Assim como a brincadeira é parte das culturas infantis, as culturas infantis também se relacionam com a cultura popular que envolve, músicas, parlendas, poesia, ritmos e contar histórias.

Para Velasco (2018) o universo da criança tem enorme correspondência com o universo da cultura popular, e torna-se muito proveitoso que o educador se aproxime desse conhecimento. A autora afirma ainda que se trata de linguagens integradas de modo orgânico e espontâneo, e que aprendendo com elas, podemos dar saltos verdadeiros e evoluir muito em nossas práticas educacionais, enriquecendo o instante de contar histórias.

Outra questão bastante recorrente sobre contar histórias na escola é sobre ler ou contar oralmente, e certamente não há uma forma melhor que outra, são experiências diferentes e uma tão importante quanto a outra, embora haja diferença entre elas. Há diferença entre ler e contar, pois há diferença entre palavra oral e palavra escrita, são possibilidades diferentes de trabalhar com a linguagem cada uma com características próprias e ambas podem fazer parte da ação do educador. É importante para as crianças o contato com a leitura, valorizando a linguagem literária e a relação estética com o livro, percebendo de onde vem as palavras e desenvolvendo o interesse por ler, enquanto ouvir histórias de boca (sejam contos, parlendas, poesia, cantigas, etc.) relaciona-se com a percepção auditiva, a expressão corporal, os gestos, o ritmo que imprimem sentido a narrativa.

No caso do professor, o importante é saber que objetivos ele tem quando quer apresentar um conto a seus alunos. Há momentos em que é necessário criar situações de grupo para favorecer o sentimento de “estar junto”, de pertencer a uma comunidade a da sala de aula, por exemplo) que compartilha as mesmas referências, “viaja” pelos mesmos mares do imaginário. Nesse caso, a narrativa oral perfeitamente o objetivo.

Há outros momentos em que se quer incentivar a “viagem” solitária, para estimular a capacidade de introspecção e de reflexão analítica. Nesse caso, a leitura é a atividade indicada. (MATOS, 2009, p. 8)

Certamente seria possível aprofundar mais sobre as diferenças entre ler e contar histórias, no entanto, o mais importante é reconhecer que seja qual for a escolha da experiência que se pretende proporcionar, a experiência com a palavra é a essência dessa atividade. Ler para crianças pequenas além de uma experiência estética, também pode ser explorada numa perspectiva “brincante”. Desenvolver o olhar lúdico para ler ou contar histórias é essencial para criar a atmosfera favorável à imaginação, durante a leitura o livro pode ganhar asas e se transformar em um pássaro quando nas mãos do professor o livro é manuseado como asas que batem, por exemplo. Isso não é passível de se ensinar a alguém como técnica, mas é a capacidade de cada um descobrir através do seu próprio resgate de “como é ser menino” que tudo pode se transformar por meio da brincadeira, então podemos dizer que ler e contar histórias para crianças pequenas também é brincar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências descritas inicialmente inspiraram as reflexões acerca de contar histórias na escola de educação infantil, e a partir da observação das especificidades que envolvem a arte narrativa na escola enquanto possibilidade de aprendizagem reforçaram a hipótese de que o professor pode ser um contador de histórias contemporâneo. Porém, desde que alinhado com a ancestralidade que traz a arte narrativa e o comprometimento com as intenções pedagógicas compreendendo que há subjetividade entre o que se pretende ensinar e o que se aprende.

Para além das experiências com a narração de histórias propostas às crianças, há também que se considerar a experiência do educador que também se desperta para o potencial lúdico e a imaginação nas experiências com os contos.

É comum educadores se sentirem inseguros para contar histórias no sentido da performance, atualmente com a expansão da contação de histórias no cenário urbano, é possível apreciar muitas narrações ricas em cenário, figurino e objetos

de cena, e talvez se desvencilhar dessa ideia de “espetáculo” não seja tão simples para o educador.

As perguntas podem ser muitas quando se pretende contar boas histórias e possibilitar oportunidades de aprendizagem, porém o percurso é individual e não há resposta única e definitiva. Nesse percurso particular, certamente houve momentos em que se alcançou o objetivo de contar bem histórias noutros nem tanto. Trata-se de experiências, como cita Machado (2004) seria mais pertinente perguntar-se como se preparar e aprender para encontrar as respostas para as próprias perguntas.

Um aspecto interessante a apontar é que foi possível perceber que a “presença” de um contador de histórias, seja dentro ou fora da escola é um aspecto essencial que respondeu parte das perguntas suscitadas durante o percurso desde o relato de experiência até a concretização deste trabalho de pesquisa.

Por isso, trazer o brincar como fonte inspiradora e até mesmo o resgate da memória de “ser menino” parece bastante pertinente. O educador na escola de Educação Infantil bebe dessa fonte diariamente, e observa o que as crianças ensinam, que não há como brincar sem presença e inteireza, para contar histórias acontece assim também.

Estar inteiro possibilita criar vínculos afetivos, o que principalmente em se tratando da primeira infância é fundamental. Dessa forma, como exemplo de experiência podemos citar que criar “rituais” no sentido de combinados com as crianças é compartilhar desse vínculo afetivo e talvez sanar alguns questionamentos ou ressignificá-los. Ao invés da preocupação em “prender” a atenção das crianças ou se todos estarão devidamente sentados durante a história, as crianças passaram a fazer parte do processo. Elas passaram a compreender aquele momento da história como seu, e o que inicialmente se colocava como um desafio a transpor de convidar crianças agitadas numa sala a concentrar-se, tornou-se naturalmente um momento de encantamento e imaginação do grupo de crianças e do professor. Assim, o professor compartilha vínculos afetivos através da palavra, exercita o improviso e a espontaneidade, e ainda que se saiba o quão rico pode ser a relação entre contar histórias e aprender, o não controle do que pode vir a ser

aprendido ressoa como convite para ressignificar a relação com objetivos pedagógicos em geral. Esse movimento de ensinar também é o movimento de aprender no reconhecimento de ir além de objetivos, o que potencializa o protagonismo infantil em relação às aprendizagens.

Nas palavras do inspirador pedagogo Paulo Freire “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”, tais palavras remetem a esse movimento que atravessa o professor contador de histórias, já que aprende a partir das experiências de contar histórias na escola a colocar a arte da palavra como possibilidade de aprendizagem. Aprende também com a relação que estabelece com quem ouve, e a partir disso desenvolve um olhar mais afetivo que valoriza o percurso humano individual e coletivo.

Assim, lançar o olhar para a intencionalidade pedagógica ao contar histórias na escola de educação infantil trata-se de olhar não somente para a experiência e suas possibilidades, mas para a humanização no processo educativo. Dessa forma, podemos afirmar que é um ato de valorizar a arte da palavra sem atribuir função às histórias já que o aprendizado não ocorre de forma linear.

É justamente nas entrelinhas que os contos ensinam, fazendo com que a sabedoria de valores humanos fundamentais seja capaz de transcender o tempo e da arte narrativa na escola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.

CANDIDO, Antonio. *O direito à literatura*. In: __Vários escritos. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/ São Paulo: Duas Cidades, 2011.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LARROSA, Jorge. Cristina Antunes. Wanderley Geraldi. *Tremores: escritos sobre a experiência*. 1 ed. Belo Horizonte: Autentica, 2020.

MACHADO, Regina. *Acordais: fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias*. São Paulo: DCL, 2004.

MATOS, Gislayne Avelar; SORSY, Inno. *O ofício do contador de histórias*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

PIAGET, Jean. *Epistemologia Genética*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

SISTO, Celso. *Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias*. 2. Ed. – Curitiba: Positivo, 2005.

Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. *Currículo da Cidade: Educação Infantil*. São Paulo: SME/COPED, 2019.

Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. *Padrões Básicos de qualidade da Educação infantil Paulistana: orientação normativa nº 01/2015* / Secretaria Municipal de Educação. – São Paulo: SME / DOT, 2015.

VELASCO, Cristiane. *Histórias de boca: O conto tradicional na educação infantil*. 1. ed. São Paulo: Panda Books, 2018.